

PROVA DE AVALIAÇÃO DE CONHECIMENTOS

PORTUGUÊS

Alínea c) do n.º 1 do artigo 13.º-C do Decreto-Lei n.º 113/2014, de 16 de julho, republicado pelo Decreto-Lei n.º 11/2020, de 2 de abril.

Duração da Prova (componente específica): 60 minutos.

A resolução desta prova tem, obrigatoriamente, de ser respondida em folha de resposta separada.

5 páginas

ORIENTAÇÕES e ADVERTÊNCIAS

- Para cada resposta, identifique o grupo e o item.
- Nas questões de escolha múltipla, APENAS 1 (uma) resposta é correta. Não assinale mais do que um *item* para a mesma questão, sob pena de a sua seleção ser anulada.
- Escreva, na folha de respostas, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.
- Utilize caneta ou esferográfica de tinta indelével de cor preta ou azul. Se utilizar lápis a prova será anulada.
- Não é permitida a utilização de fita ou tinta corretora.
- Não é permitida a utilização de quaisquer sistemas de comunicação móvel (computadores portáteis, aparelhos de vídeo/áudio, incluindo telemóveis, *bips*, entre outros). Qualquer um destes aparelhos deve estar desligado. O não cumprimento desta regra levará à anulação da prova.
- Não é permitida a consulta de dicionário.
- Apresente as suas respostas de forma legível.
- Ao responder, diferencie corretamente as maiúsculas das minúsculas.
- Confira as respostas assinaladas antes de entregar o caderno ao docente encarregado da vigilância e de dar como finalizada a Prova.
- As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

GRUPO I

Leia o texto.

A solidão não se mede aos palmos

Por vezes, dentro de uma casa, a solidão mais invisível é a dos jovens. A solidão não se mede aos palmos – isto deve ser explicado a quem pensa que ela está confinada ao mundo dos adultos. É certo que, a partir de certa idade, e de uma sucessão de acontecimentos desamparados com os quais se colide, surge esse coágulo da alma, que luta para se tornar fixo. Não admira que os adultos
5 farejem mais recorrentemente a solidão uns nos outros, lhe reconheçam os códigos, despistem os seus ziguezagues... Mas, por serem adultos, podem também fazer uso de mais recursos internos, de forças que possuam já ou que procurem, para fazer-lhe frente. A vulnerabilidade dos (mais) velhos é ainda outro discurso, porque aí a solidão, não raro, é um eufemismo para ocultar a palavra abandono. E, sobre isso, as nossas sociedades precisariam de refletir melhor. Mas a solidão dos (mais) novos é,
10 porventura, aquela mais submersa, mais enigmática e confusa para os próprios sujeitos, aquela sobre a qual falamos menos. Possivelmente só daqui a muitos anos, por exemplo, vamos perceber como é que a geração das crianças e adolescentes de hoje viveu esta experiência da pandemia, que medos e incertezas se alojaram neles pela primeira vez ou que perguntas sem resposta se fizeram. Só mais adiante compreenderemos o que representou para eles o fecho abrupto das escolas, a distância dos
15 amigos e coetâneos ou este regresso a uma intensidade da família nuclear, que antes talvez não haviam tido. Contou-me uma amiga que um dos filhos à mesa, tentando interpretar a situação extraordinária que a família está a viver, disse: “Acho que estamos aqui a construir memórias”. Todos olharam para ele, espantados com a grandeza inesperada da definição na boca de um fedelho, mas seguramente aquelas palavras corresponderam dentro dele a emoções, a um esforço concreto de
20 aproximação a uma realidade complexa, a um apaziguamento que encontrou quando foi capaz de justificar a estranheza com uma missão que unia — e unirá depois ainda — toda a sua família, pois as memórias são, como se sabe, moedas para ser usadas no país do futuro.

Muitas vezes, quem os vê armados de tecnologia, estirados pela casa, aparentemente fechados nos seus interesses, com a cabeça noutro lado, a responder com monossílabos a frases
25 inteiras não imagina que esse é o modo possível de se protegerem de um mundo que sentem em derrapagem. Que quando vagueiam numa passividade onde só vemos desnorte e indolência eles estejam engolidos, com uma dolorosa reverberação que não captamos, pelo indizível espanto de se terem olhado ao espelho, e de se interrogarem como serão ao acordar no dia seguinte, e no mês seguinte. E que quando parecem implicativos e agressivos estão, a bem dizer, apenas assustados.

30 Nós adultos esquecemo-nos depressa de como as vidas são fragilmente construídas sobre certezas cuja evidência depende da confiança, e que esta é um tão longo e feliz e sofrido caminho.

Ganharíamos tanto se em vez da pressa dos juízos nos déssemos ao trabalho de sintonizar com a solidão dos outros, aprendendo assim a reconciliar-nos com a nossa. A solidão é uma das
35 primeiríssimas experiências de humanidade que fizemos. Lembro aquilo que escreveu a pedopsiquiatra Françoise Dolto: “A solidão dos bebés existe. Eles têm necessidade de que lhes falem, de que lhes cantem, mesmo se ao longe. Ouvem uma voz, não estão completamente sozinhos. O ser humano precisa de companhia. O espaço de um ser humano, desde o nascimento, precisa de ser povoado pela presença psíquica de outro ser para o qual ele existe”.

José Tolentino de Mendonça
Expresso, 23-05-2020

Escreva, na folha de respostas, o número do *item* e a letra que identifica a opção escolhida.

1. Na crónica, José Tolentino de Mendonça afirma que «a solidão mais invisível é a dos jovens» porque
 - (A) disfarçam melhor do que os adultos.
 - (B) têm maior capacidade para se relacionarem uns com os outros.
 - (C) têm mais dificuldade em verbalizar as suas emoções.
 - (D) distraem-se mais facilmente do que os adultos.

2. O provérbio português que está na base do título da crónica é «os homens não se medem aos palmos», ou seja,
 - (A) os homens não se medem pela sua masculinidade.
 - (B) os homens não se medem pela sua estatura.
 - (C) os homens medem-se à medida que vão crescendo.
 - (D) os homens medem-se pelo seu carácter.

3. De acordo com José Tolentino de Mendonça, a solidão nos adultos é menos problemática do que nos jovens porque
 - (A) os adultos não têm tempo para pensar nela.
 - (B) os adultos têm uma experiência que lhes permite ultrapassar melhor a solidão.
 - (C) os adultos não precisam de companhia.
 - (D) os jovens não se sentem abandonados.

4. José Tolentino de Mendonça afirma que as memórias são moedas para ser usadas no futuro, isto é,
 - (A) as memórias, tal como o dinheiro, dão-nos poder.
 - (B) as memórias serão as *bitcoin* do futuro.
 - (C) as memórias assumem um valor na construção da identidade individual e coletiva.
 - (D) as memórias determinam o grau de amnésia dos adultos.

5. No segundo parágrafo, os jovens são caracterizados, do ponto de vista psicológico, como
 - (A) arrogantes e prepotentes.
 - (B) apáticos e imperturbáveis.
 - (C) combativos e arrebatados.
 - (D) atemorizados e esmorecidos.

6. Na opinião de José Tolentino de Mendonça, a melhor solução para se ultrapassar o problema do «silêncio» seria
- (A) ouvir o que pensam os jovens em vez de criticá-los.
 - (B) não abandonarmos os idosos em lares.
 - (C) aceitarmos com passividade a situação, acreditando que, no final, «ficará tudo bem».
 - (D) sermos mais solidários uns com os outros e percebermos que a solidão afeta todos.
7. Na oração “Contou-me uma amiga” (l.16), as expressões sublinhadas desempenham respetivamente as funções sintáticas de
- (A) sujeito e complemento direto.
 - (B) complemento indireto e sujeito.
 - (C) complemento indireto e complemento direto
 - (D) sujeito e predicativo do sujeito
8. Na linha 28, a forma verbal “se interrogarem” está conjugada
- (A) no presente do indicativo.
 - (B) no presente do conjuntivo.
 - (C) no condicional simples.
 - (D) no infinitivo pessoal.
9. No segmento frásico “não imagina que esse é o modo possível de se protegerem de um mundo que sentem em derrapagem” (ll. 25-26), as palavras sublinhadas classificam-se como
- (A) pronomes relativos em ambos os casos.
 - (B) pronome relativo no primeiro caso e pronome pessoal no segundo.
 - (C) conjunção subordinativa completiva em ambos os casos.
 - (D) conjunção subordinativa completiva no primeiro caso e pronome relativo no segundo.
10. As palavras “possivelmente”, “intensidade” e “enigmática” são formadas por
- (A) derivação por sufixação.
 - (B) derivação por prefixação.
 - (C) derivação por parassíntese.
 - (D) composição morfológica.

Grupo II

Num tempo em que as redes sociais fazem parte do quotidiano de boa parte da população, algumas questões podem ser objeto de reflexão: i) são os solitários que procuram as redes sociais? ii) é a natureza da comunicação online que isola as pessoas? iii) estamos atualmente sozinhos entre milhares de amigos?

Tomando como referência estas questões e apoiando-se na crónica de Tolentino de Mendonça, redija um texto expositivo-argumentativo, no qual reflita sobre a eventual relação entre as redes sociais e a solidão.

O seu texto deve:

- Ter um mínimo de 200 e um máximo de 300 palavras;
- Apresentar uma estrutura coerente e coesa;
- Expor, de forma clara e pertinente, o seu ponto de vista, justificando-o com, pelo menos, duas razões;
- Apresentar uma breve conclusão.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2018/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas e cinquenta palavras –, há que atender ao seguinte:
 - Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - Um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos-

FIM

COTAÇÕES

Grupo/ Item	Cotação em pontos										
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
I	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	50
II	Item único										50
Total											100